

## *As condições do falo como significante na neurose obsessiva e na histeria<sup>1</sup>*

*Sonia Damasceno*

Freud se refere a três importantes divisões no que diz respeito aos problemas mentais; são elas: perversão, neurose e psicose.

Cada uma delas vai se caracterizar pelos sintomas que o sujeito apresenta. O que quer dizer o sintoma? O sintoma é uma significação, ele se situa no nível da significação. **Foi isto que Freud veio nos dizer, o sintoma é um significado e está longe de concernir unicamente ao sujeito.**

Bem, se toda significação é fálica, o significante fálico como significante do desejo está implicado no sintoma do sujeito. É isto que vou tentar articular para vocês, para que possamos situar como podemos operar com este significante, nas diferentes formas de neurose que nos são apresentadas em nossa clínica. Lacan veio nos mostrar que o falo é um operador simbólico, que a queda do lugar de falo, como objeto do desejo da mãe, objeto do desejo do primeiro Outro, é uma operação exercida pela função paterna. Mas não basta que o sujeito possa cair deste lugar. **É fundamental também que ele saiba em que lugar está em relação ao desejo do Outro, para que possa se situar como sujeito nas relações com os demais.**

Então, da última vez nós vimos que a passagem pela castração é fundamental, para que a ela possa ser elaborada e não mais seja vista como ameaça, mas, sim, como uma possibilidade de lidar com a própria falta. Dentre outras magistrais possibilidades que Lacan abriu para a psicanálise, esta é muito importante, pela metáfora que ele aí constituiu, quando deu um salto conceitual ao nos tirar do impasse clínico em que tínhamos ficado diante da questão da rocha da castração.

Assim, se temos o falo como significante do desejo, vamos falar da neurose e fazer uma tentativa de mostrar em que condições o falo está articulado na neurose obsessiva e na histeria. **O falo como significante do desejo do Outro assinala o lugar deste desejo e é nesta relação com o Outro que o sujeito tem de encontrar o lugar do seu próprio desejo; para isso é necessário que o falo possa fazer sua passagem de objeto imaginário à categoria de significante, passagem esta metafórica, da qual**

---

<sup>1</sup> Aula apresentada no Curso de Formação Básica, 16 de outubro de 2013, Niterói

**dependerá toda situação possível de significação do desejo do Outro, na medida em que o sujeito tem de encontrar o lugar do seu próprio desejo, tem de encontrar meios de significar seu próprio desejo.** O desejo do Outro depende da estrutura significante deste desejo, estrutura à qual o sujeito está submetido por sua condição de dependência deste Outro.

O desejo sempre ultrapassa qualquer espécie de resposta que esteja no nível da satisfação, pede, em si mesmo, uma resposta absoluta; portanto, projeta seu caráter essencial de condição absoluta em tudo o que se organiza no intervalo interno entre os dois planos da demanda, o plano do significado e o plano do significante. É neste intervalo que o desejo precisa ser articulado.

Por essa razão, na abordagem do desejo pelo sujeito o Outro se torna seu intermediário. O Outro como lugar da fala, como aquele a quem se dirige a demanda, passa a ser também o lugar onde deve ser descoberto o desejo, onde deve ser descoberta sua formulação possível. É aí que se exerce a todo instante a contradição, porque este Outro é possuído por seu próprio desejo — um desejo que, inaugural e fundamentalmente, é estranho para o sujeito. Daí as dificuldades da formulação do desejo, nas quais o sujeito tropeça tão mais significativamente se levarmos em conta as diferentes estruturas que a descoberta analítica nos permite ver.

Estas estruturas são diferentes, conforme a colocação da ênfase na insatisfação do desejo, que é o modo como a histérica aborda seu campo e sua necessidade, ou na dependência do Outro para obtenção do acesso a este desejo, que é o modo como esta abordagem se propõe ao obsessivo.

A importância de sabermos como situar o falo na neurose obsessiva e na histeria deve-se ao fato de que ele é o significante do desejo. Assim, é fundamental que tenhamos em conta que estas estruturas, por serem diferentes, implicam que o sujeito submetido a uma ou a outra forma destas neuroses lida de modo diferente com o seu desejo na forma como ele se aproxima de seu desejo, na maneira como o sustenta. E para colocar a questão em seu devido lugar, podemos perguntar o que seria do sujeito sem o seu desejo? Ele estaria apenas submetido à lei, às agruras da lei.

Nós já vimos que o desejo para a histérica é um ponto enigmático, não é o desejo de um objeto, é o desejo de um desejo, como é o caso Dora, em que toda a estrutura de cumplicidade que Dora tinha com o pai, em relação à sra. K, se desmorona quando o sr. K diz a ela que ele não tinha nenhum interesse pela sra. K. Todo esforço da histérica é para se manter diante do ponto em que ela convoca o desejo do Outro. Foi por essa

razão que Freud não viu que dizer para uma histérica *Eis aquele ou aquela que você deseja* é sempre uma interpretação forçada, inexata. Quer tenha sido nas primeiras observações, quer tenha sido no caso Dora, ele se deparou com a recusa da paciente em ter acesso ao sentido do seu desejo, dos seus sintomas e dos seus atos.

Então, já vimos alguma coisa no sentido de que a histérica busca o desejo do Outro para ali ter um ponto de apoio para o seu desejo. E que, no caso Dora, ela podia, dialeticamente falando, ficar como cúmplice de seu pai em relação à sra. K, isto é, dar apoio ao desejo de seu pai, contanto que ela pudesse contar com o desejo do sr. K. Nestas relações Dora subsistiu como sujeito, ela estava muito à vontade, exceto por alguns pequenos sintomas.

Aqui nós estamos em relação ao grafo que Lacan nos legou; na relação do primeiro patamar com o terceiro, temos um quadrado, cujos quatro vértices são representados pelo eu, pela imagem do Outro, pela relação do sujeito já constituído com o outro imaginário, e pelo desejo.

É isto o que ocorre em relação à histérica. Como articular, então, o que acontece com o obsessivo?

O obsessivo tem outras relações, em razão de que para ele o desejo do Outro se apresenta de um modo totalmente diferente. Pois seu desafio é constituir-se diante de seu desejo evanescente, já que seu desejo tende a se dirigir para a destruição do Outro. Isto porque ele tende a conservar o caráter incondicional da demanda de amor, transformando-o em condição de desejo no estado puro, em que o Outro como tal é negado. Mas como fica o obsessivo na medida em que é no lugar do Outro que o significante ordena o desejo?

É certo que o obsessivo tende a destruir seu objeto. Mas como vamos nos contentar com o que é quase uma verdade da experiência clínica, sem examinarmos mais de perto o que é a atividade destrutiva do obsessivo?

Tanto quanto a histérica, o obsessivo necessita dar apoio ao seu desejo. É da natureza do desejo como tal precisar do apoio do Outro, mas o desejo do Outro não é propriamente uma via de acesso ao desejo do sujeito, o desejo do Outro é o lugar puro e simples do desejo. Tanto que a histérica encontra o apoio do seu desejo na identificação com o outro imaginário. Para o obsessivo, quanto mais uma coisa desempenha um papel de objeto do desejo, ainda que momentâneo, mais a lei da aproximação do sujeito em relação a este objeto manifesta-se, literalmente, numa baixa de sua tensão libidinal. A tal ponto que em certos casos, no momento em que ele detém a posse deste objeto do

desejo, para ele tudo o mais perde sua importância, há um esvaziamento total de sua libido. A abordagem de seu próprio desejo pelo obsessivo é cunhada, portanto, pela marca que faz com que qualquer aproximação o leve a desaparecer.

Não se trata de o grande Outro não existir para o obsessivo, mas, por sua exigência incondicional do desejo como algo absoluto, o grande Outro é negado, e por essa razão o obsessivo fica à procura da única coisa que, fora deste ponto de referência, é capaz de manter no lugar o desejo como tal. **No caso do obsessivo, ele busca um objeto, que é sempre velado, mas identificável, um objeto que seja redutível ao significante falo.**

O que se passa é que, se o significante está reduzido, acoplado a um objeto que o representa, ele perde suas qualidades de significante, ele não desliza.

Nós temos na literatura brasileira um dos clássicos do nosso romance, que me parece bastante apropriado, para ser tomado como exemplo. Este romance já foi objeto de inúmeras interpretações, pela genialidade da textura narrativa; ele é *Dom Casmurro*, a famosíssima história de Machado de Assis, na qual, no meu entender, Bentinho só é capaz de manter sua ligação com o objeto do desejo, que é Capitu, intermediado por Escobar, seu amigo de infância. Após a morte trágica de Escobar, a dúvida obsessiva que o perseguia, desde a juventude, em relação à fidelidade e ao amor de Capitu, transforma-se numa quase monstruosa certeza de uma possível ligação amorosa entre Capitu e Escobar, certeza que acaba por destruí-lo como sujeito. Esta dúvida que o perseguia, mas o permitia viver, sem a presença de seu querido amigo, transforma-se em amargura e ressentimentos, levando-o a separar-se de Capitu e a tornar-se um homem triste, taciturno e isolado dos demais, ganhando, por esta razão, o apelido de Casmurro.

Não devemos supor aqui uma atração de Bentinho por Escobar, enquanto este é um sujeito do seu próprio sexo. Freud nos alertou quanto às relações do sujeito obsessivo consigo mesmo, com sua existência, e com o mundo, que se chama neurose obsessiva; isso é infinitamente mais complexo do que uma relação de apego libidinal ao sujeito de seu próprio sexo. Todos nós sabemos do papel desempenhado pela pulsão de destruição voltada contra o semelhante e, por isso mesmo, todo o risco que há nestes impulsos, no sentido de que eles possam ser revertidos contra o sujeito. Escobar, enquanto apoio do significante falo, era uma referência libidinal, uma maneira que Bentinho encontrava para se proteger de seus impulsos destrutivos, tanto proteger a si mesmo como proteger Capitu. O desaparecimento do amigo leva-o a destruir seu relacionamento com Capitu. É bastante significativo, também, o quanto o personagem torna-se sombrio e solitário. Após a morte do amigo, sua pulsão de morte volta-se contra ele mesmo.

A pergunta sobre seu desejo faz da histérica alguém aparentada com todos os demais histéricos; ela descortina um mundo de identificações que a coloca numa certa relação com a máscara, ou seja, com tudo que pode, de alguma maneira, ajudá-la a fixar, simbolizar as indagações sobre o seu desejo, segundo determinadas características.

A questão da relação do obsessivo com o seu desejo, como já dissemos, é bem mais complexa e está submetida a uma demanda que encontramos no horizonte de toda demanda do obsessivo e é o que mais cria obstáculos à possibilidade de ele articular sua demanda. Trata-se daquilo que qualificamos como agressividade e que levou Lacan cada vez mais a considerar o que podemos chamar de anseio de morte.

Esta é a dificuldade maior, inaugural, diante da qual se rompe, fragmenta e desarticula a demanda do obsessivo, o que motiva a anulação, o isolamento, todas as defesas — e muito primordialmente, nos obsessivos mais graves, aquele silêncio, frequentemente bastante prolongado, que às vezes temos a maior dificuldade do mundo para vencer no decorrer de uma análise. A questão é que esta demanda é de morte. Este é um fenômeno que merece que nos detenhamos nele.

Se esta demanda é de morte, é porque as primeiras relações do obsessivo com o Outro, como nos ensinam Freud e Lacan, através da teoria analítica, foram compostas por uma contradição, a de que a demanda dirigida ao Outro de quem tudo parece depender tem por horizonte a demanda de morte.

Antes de dizer que esta demanda surge de uma natureza voltada contra si mesma, Lacan começa por situá-la onde ela se encontra, ou seja, no nível do horizonte da fala, ali onde está a base da articulação de qualquer fala. Isso provoca um dilúvio de dificuldades para o obsessivo, para articulação do discurso do obsessivo, não só quando ele está a sós, como também no momento em que começa sua análise.

A demanda de morte representa, para o sujeito obsessivo, um impasse do qual resulta aquilo que é impropriamente chamado de ambivalência, e que é mais uma oscilação, um balanço, no qual o sujeito é como que remetido aos dois eixos de um impasse do qual não consegue sair. Como o esquema de Lacan nos mostra, a demanda de morte exige ser articulada no lugar do Outro, no discurso do Outro, o que quer dizer que suas razões não devem ser buscadas numa história qualquer, que implique a mãe, por exemplo, que teria sido objeto deste desejo de morte a propósito de alguma frustração. É de maneira interna que a demanda concerne ao Outro. O que se passa é que o fato de este Outro ser o lugar da demanda implica, com efeito, a morte da demanda.

Entre a relação do sujeito obsessivo com a sua demanda (S barrado punção de D) e o Outro, A, que lhe é tão assustadoramente necessário e que o mantém, senão ele seria outra coisa que não um obsessivo, **nós encontramos o desejo, d, em si mesmo anulado, mas cujo lugar é mantido.** Este desejo, Lacan o caracteriza por uma *Verneinung*, porque ele se exprime sob uma forma negativa. Podemos vê-lo aparecer sob esta forma, quando um analisando, depois de nos dizer *Não é que eu pense em tal coisa*, nos articula um desejo agressivo, desaprovador, depreciativo a nosso respeito. Com isso ele efetivamente manifesta seu desejo, mas só pode expressá-lo desta maneira, denegado.

Ora, como pode esta forma do desejo não ser menos correlata de um sentimento de culpa, embora seja denegado? Então, como articular o sentimento de culpa na vida do sujeito neurótico?

A propósito da culpa, Freud a fez surgir como fundamental, como uma manifestação subjetiva essencial do sujeito, a partir do complexo de Édipo. Em sua análise, os conteúdos que surgiam mostravam um desejo pela mãe, até então profundamente oculto, cuja intervenção de um personagem, que é o pai, o traz de um modo terrível e destruidor. E isto se manifesta sob a forma das fantasias de castração, descobertas da análise que, até então, não se tinha a menor ideia de existirem. Com as articulações que vem fazendo, Lacan busca nos mostrar **o falo como uma imagem vital privilegiada**, elevado à categoria de significante. **Nas questões relativas ao complexo de Édipo, ele faz as vezes da castração, como aquilo que marca o impacto da proibição pela qual o desejo é atingido.**

Em que nível, em que ponto aparece na clínica o fenômeno que nos faz dizer que a culpa intervém? Em que consiste a culpa neurótica? **O sentimento de culpa aparece a propósito da aproximação de uma demanda sentida como proibida porque mata o desejo.**

É na medida em que o obsessivo está condenado a travar a batalha de salvação por sua autonomia subjetiva, no nível do desejo, que tudo que aparece neste nível, mesmo sob a forma denegada, está ligado a esta aura de culpa.

Para falar um pouco mais das questões que atingem o neurótico obsessivo, precisamos situar alguns pontos relacionados ao supereu materno, arcaico, aquele a que estão ligados os efeitos do supereu primordial de que fala Melanie Klein; este supereu está ligado ao Outro primário como suporte das primeiras demandas emergentes do sujeito, no nível das primeiras articulações balbuciantes de sua necessidade, e daquelas

primeiras frustrações. Este supereu pode ser colocado na mesma linha daquilo que produz no nível superior, o nível da ordem e da culpa, ligado ao Outro do Outro.

Temos aí no nível do Outro primário e das primeiras demandas o fenômeno chamado dependência. Tudo o que acontece com o supereu materno articula-se em torno disso. Lacan vai colocá-lo no mesmo registro no nível superior, porque, embora tratando-se da relação do lactente com sua mãe, não é uma relação dual. Na realidade há sempre a estrutura em dois patamares que vemos no grafo; pelo simples fato de se tratar do significativo, existem os dois horizontes da demanda. Mesmo por trás da demanda mais primitiva, a do seio e do objeto que representa o seio materno, há o desdobramento criado na demanda pelo fato de ela ser demanda de amor, demanda absoluta, demanda que simboliza o Outro como tal, que distingue o Outro, portanto, como objeto real capaz de proporcionar uma dada satisfação, do Outro como objeto simbólico que dá ou recusa a presença ou a ausência. Matriz em que irão se cristalizar as relações intrínsecas que se acham no horizonte de qualquer demanda, o amor, o ódio e a ignorância.

A primeira relação de dependência é ameaçada pela perda do amor, e não simplesmente pela privação dos cuidados maternos, e por isso ela já é homóloga, em si mesma, à que depois se organizará na perspectiva das leis da fala. Sem dúvida, ela não é completamente articulada, e por esse motivo é que o bebê não começa a ser obsessivo desde sua primeira mamada. Mas desde sua primeira mamada, ele já pode muito bem começar a criar a hiância que fará com que seja na recusa a se alimentar que encontrará o testemunho por ele exigido do amor de sua parceira materna. Em outras palavras, podemos ver surgir muito precocemente as manifestações da anorexia nervosa.

O que especifica o caso do obsessivo? O caso do obsessivo está na dependência da formação precoce, neste horizonte da demanda, do que chamamos de demanda de morte. Demanda de morte não é, pura e simplesmente, tendência mortífera. Trata-se de uma demanda articulada e, pelo simples fato de ser articulada, ela não se produz no nível da relação imaginária com o Outro, não é uma relação dual, mas visa além do imaginário seu próprio ser simbolizado. Por isso, ela é pressentida e vivida pelo sujeito em seu retorno. É que o sujeito, por ser um sujeito falante, e unicamente por esta razão, não pode atingir o Outro sem atingir a si mesmo, de modo que a demanda de morte é a morte da demanda.

Há o caso de uma paciente, de outro analista, que Lacan trabalha para nos mostrar a diferença em relação às interpretações feitas na época e o que ele propõe que façamos. São muito interessantes suas descrições; é fundamental que vocês leiam. Bem, refere-se

ao caso de uma neurose obsessiva feminina, e naquilo que Lacan insiste é que o manejo essencial deve incidir sobre o significante.

Vejamos alguns pontos deste caso, para situarmos um pouco melhor o que Lacan chama de polipresença do falo na fenomenologia do obsessivo, o que lhe permite mais uma vez atestar que o falo é um significante, cuja incidência de significante no ser vivo, em sua relação com a fala, condena o sujeito a fragmentar seus sintomas em toda sorte de efeitos significantes.

O analista da paciente em questão afirma que ela está tomada pela inveja do pênis; ele centra suas interpretações neste ponto, inclusive com afirmações de que a paciente desejaria ser homem, o que ela nega enfaticamente.

A paciente havia feito oposição ao casamento de seu filho mais velho, em função de um medo obsedante de haver contraído sífilis, oposição, aliás, inútil, pois o filho se casa independentemente de sua vontade. Ela está numa relação de exigência narcísica com respeito ao falo, ela faz do falo um uso estritamente equivalente ao do homem, ou seja, por intermédio do filho, ela considera-se perigosa. Ela apresenta este filho como seu prolongamento, o que equivale a dizer que nenhuma inveja do pênis a detém. Ela tem o falo sob a forma deste filho, possui de fato este falo, uma vez que é nele que cristaliza a mesma obsessão dos pacientes masculinos. É comum que, mais além da racionalidade da coisa, apareça nos obsessivos masculinos o receio de contaminar sua parceira, por tudo o que pode ser gerado por seus impulsos na ordem libidinal. O que nada mais é do que um impulso agressivo que transparece sob a pulsão libidinal e faz com que, de certa maneira, o falo seja visto como algo perigoso.

A descrição da paciente mostra sua mãe como alguém mais inteligente, de um meio social mais elevado, com um caráter, um espírito de decisão e uma autoridade que a fascinam. A presença do pai deixava ver alguém oprimido ou até mesmo deprimido, diante de uma mulher que se pode supor com uma posição viril, já que a paciente, em sua fala, ligava a esta mãe o atributo fálico.

Nas relações entre mãe e filha, os raros momentos em que a mãe relaxava enchiam-na de uma alegria indizível. Mas não havia nesta relação nenhuma demonstração de um desejo francamente sexualizado de posse da mãe. O analista da paciente refere que a filha estava ligada à mãe num plano exclusivamente sadomasoquista. Havia uma aliança entre mãe e filha que funcionava com muito rigor, e qualquer transgressão a este pacto provocava uma reação de extrema violência, que segundo a descrição, até aquele



momento, nunca fora objetivada. Qualquer pessoa que se imiscuísse naquela união era objeto de desejos de morte.

Este ponto é realmente importante, e podemos encontrá-lo não apenas nas neuroses obsessivas. Estes laços poderosos entre mãe e filha, esta espécie de nó, colocam-nos diante de um fenômeno que vai além da distinção carnal entre os seres. O que se expressa aí é exatamente a ambiguidade ou a ambivalência que faz se equivalerem a demanda de morte e a morte da demanda. Freud já havia percebido muito bem esta demanda de morte, que a sra. Melanie Klein tentaria referir às pulsões agressivas primordiais do sujeito, embora ela esteja no laço que une o sujeito à mãe.

No caso apresentado, a demanda de morte é a demanda da própria mãe. A mãe da paciente traz em si esta demanda e a exerce no pobre personagem paterno, um cabo da polícia que, apesar de sua bondade e gentileza, das quais a paciente logo fala, se mostra tristonho durante a vida inteira, deprimido, taciturno, sem conseguir superar a rigidez de sua mulher, nem vencer o apego que esta mulher tinha a um primeiro amor, aliás, platônico. Ele fica ciumento em seu mutismo, rompendo-o para fazer eclodirem cenas veementes das quais sai sempre derrotado.

Isto é traduzido sob a forma do que se chama mãe castradora. Mas aqui se trata, para este homem, da privação do objeto amado que sua mãe parece ter sido para ele, e da inauguração nele da posição depressiva que Freud nos ensinou a reconhecer como determinada por um desejo de morte em relação a si mesmo, e que almeja o quê, senão um objeto amado e perdido?

Em suma, a demanda de morte já está presente na geração anterior ao sujeito. Será que é a mãe da paciente que a encarna?

No nível do sujeito, esta demanda de morte é mediatizada por um horizonte edipiano que lhe permite aparecer no horizonte da fala, e não em seu imediatismo. Se não fosse mediatizada desta maneira, não teríamos uma obsessiva, mas uma psicótica, diz Lacan. Em contrapartida, na relação entre o pai e a mãe, esta demanda de morte não é mediatizada para o sujeito por nada que demonstre um respeito pelo pai, uma colocação dele numa posição de autoridade e de suporte da lei por parte da mãe.

A demanda de morte de que se trata, no nível em que o sujeito a vê se exercer na relação entre os pais, é uma demanda de morte diretamente exercida no pai, por alguém que é a mãe da paciente. E ele vira esta demanda contra si mesmo, daí a tristeza, a quase surdez e a depressão.

Eis, então, o contexto em que a inveja do pênis aparece neste caso. Podemos vê-lo aí sob a forma de uma arma perigosa, que só aparece como significante do perigo manifesto por algum surgimento do desejo no contexto desta demanda. Aliás, veremos o caráter de significante se manifestar até mesmo nos detalhes de algumas das obsessões do sujeito.

Uma das primeiras obsessões da paciente é o medo de colocar alfinetes na cama dos pais, e por quê? Para espetar a mãe, não o pai. Aí está o primeiro nível de aparecimento do significante fálico. **Aqui ele é o significante do desejo como perigoso e culpado.** Num outro momento não tem a mesma função, no qual aparece de maneira perfeitamente clara, mas sob sua forma de imagem. Em todas elas, ele é velado, está no sintoma, vem de outro lugar, é uma interferência fantasística.

Há um momento também em que o falo se projeta à frente da imagem da hóstia.

Vejamos!

Lacan nos capítulos anteriores já havia feito alusão às obsessões profanadoras pelas quais este sujeito é habitado. Aqui ele vai se aprofundar nesta questão. No obsessivo, a vida religiosa apresenta-se, sob uma forma profundamente reformulada, infiltrada por sintomas, porém, por uma curiosa conformidade, esta vida religiosa, e principalmente a vida sacramental, demonstra-se perfeitamente apropriada para dar aos sintomas do obsessivo o sulco, o molde no qual ele se ajusta com muita facilidade, sobretudo na religião cristã. Toda vez que Freud teve um obsessivo de formação cristã, fosse o Homem dos ratos ou o Homem dos lobos, ele deixou clara a importância do cristianismo tanto na evolução quanto na economia deles. Não podemos deixar de ver que, por seus artigos de fé, **a religião cristã coloca-nos diante da solução espantosa, audaciosa, atrevida, que consiste em fazer com que uma pessoa encarnada, um homem-deus, seja suporte da função do significante, cuja ação é marcada na vida como tal.** O *logos* cristão, como *logos* encarnado, dá uma solução precisa ao sistema de relações do homem com a fala, e não é à toa que o Deus encarnado foi chamado de verbo.

Quando, num período muito mais avançado da observação do caso, o sujeito comunica a seu analista esta fantasia, *Sonhei que eu esmagava a cabeça de Cristo a pontapés, e essa cabeça se parecia com a sua*, aí, a função do falo não é identificada pelo analista. Aqui Lacan coloca o analista identificado com o falo, porque, neste momento da história da transferência, aparece o efeito do significante, a relação com a fala, cujo horizonte a paciente começa a projetar um pouco mais, em razão da distensão

ocorrida no tratamento. **Interpretar isso de maneira homogênea, em termos da inveja do pênis, é estragar a oportunidade de relacionar a paciente com o que há de mais profundo em sua situação.** Talvez ela pudesse perceber a relação que, em tempos longínquos, havia estabelecido entre o que para ela era um enigma, que provocara fundamentalmente a demanda do Outro como demanda de morte, e a primeira percepção que ela teria tido da rivalidade intolerável, sob a forma de desejo da mãe, ligado àquele amor distante, que a distraía tanto do marido quanto da filha. **O falo deve ser situado, aqui, no nível do significante do Outro como barrado (S de A barrado), como idêntico à mais profunda significação que o Outro atingiu para o sujeito.**

Esta paciente tinha também dificuldades de comprar sapatos; num momento em que o analista já havia estabelecido a equivalência entre o sapato e o falo, um sonho ocorre. É o seguinte: *Mandi consertar meu sapato num sapateiro e depois subi num tablado enfeitado de lamparinas azuis, brancas e vermelhas, onde só havia homens; minha mãe estava na multidão e me admirava.* **Podemos nos contentar em falar aqui de inveja do pênis? Será que não fica evidente que a relação com o falo aqui é de uma outra ordem, nos pergunta Lacan? O próprio sonho indica que ele está ligado a uma relação de exibição, e esta exibição não está dirigida aos outros homens que estão como aqueles que portam o falo, mas está dirigida à mãe.**

Apesar de as intervenções do analista tenderem a facilitar no sujeito o que se chama a conscientização de sabe-se lá que falta, que nostalgia do pênis como tal, o analista muda o sentido do falo para a paciente, tornando-o legítimo para ela. O que mais ou menos equivale a ensiná-la a amar suas obsessões. É isso mesmo que nos é dado como saldo desta terapêutica, as obsessões não diminuem, simplesmente a paciente não mais experimenta sentimento de culpa em relação a elas. O falo deixou de ser sentido como perigoso, como uma arma, uma ameaça.

As colocações de Lacan ao longo dos últimos seis capítulos do Seminário V, do qual extraí alguns pontos para situar este trabalho para vocês, são muito ricas, detalhadas, cuidadosamente elaboradas e vão desenvolvendo suas ideias, seus avanços conceituais e sua análise de modo extremamente preciso. Portanto, nunca é demais insistir que vocês leiam o texto e pensem se concordam com o que estou dizendo aqui.

Lacan trabalha a questão do objeto parcial, para comentar a base conceitual que conduz o analista da paciente, cujo caso ele apresenta. Na perspectiva do analista da paciente, o falo era um objeto fantasístico, alvo de fantasias de devoração e

incorporação, cujo caráter era nitidamente sádico e agressivo, ao mesmo tempo em que o próprio falo era sentido como horrível e perigoso. Assim, toda dialética do neurótico obsessivo estaria marcada por este estágio anal-sádico, levando-o a uma tendência destrutiva em relação ao objeto. O tratamento, então, gira em torno do falo atribuído ao analista e da possibilidade de o paciente respeitar e manter este objeto parcial; o falo deve ser acolhido como objeto fonte de potência. **O que Lacan questiona e vem situar para nós é que, dentro desta perspectiva, o essencial não é resolvido, ou seja, o lugar do falo como significante do desejo.**

No que diz respeito ao valor da introdução da noção de relação de objeto, da maneira como Lacan o entende, ele está constituído pelo objeto parcial. Este termo foi retirado do vocabulário de Abraham. Não é algo bastante preciso, pois Abraham falou de amor ao objeto parcial. Mas não é preciso um grande esforço para identificá-lo com o falo do qual Lacan fala, sendo que a condição de objeto privilegiado que ele lhe atribui se deve a sua condição de significante.

**Então, é na condição de significante que é preciso o lugar do falo ser articulado como significante do desejo.** Não se trata apenas para o sujeito de saber o seu significado no campo do Outro [s (A)], mas de saber qual é o significante que barra este Outro, qual é o significante do desejo do Outro, o significante que marca o sujeito em sua *spaltung* e que, como tal, barra este Outro, tornando-o castrado. Este Outro como castrado é representado no lugar da mensagem.

Mas esta não é uma mensagem fácil de receber, precisamente em razão da dificuldade de articulação do desejo, que é o que faz com que haja um inconsciente.

## Referências

Lacan, Jacques. *O Seminário, livro V: As formações do inconsciente*, Capítulos: XXII; XXIII; XXIV; XXVI; XXVII; XXVIII. Jorge Zahar Ed.. Rio de Janeiro, 1999

Freud, Sigmund. *Obras Completas, A Dissolução do Complexo de Édipo (1924)*, vol. XIX. Imago Editora Ltda., 1969.

Freud, Sigmund. *Obras Completas, Estudos sobre a Histeria (1895)*, vol. II. Imago Editora Ltda., 1969.

Freud, Sigmund. *Obras Completas, A Negativa (1925)*, vol. XIX. Imago Editora Ltda., 1969.

Machado de Assis. *Obra Completa*, vol. I- Romance, Dom Casmurro, Editora Nova Aguilar S.A. Rio de Janeiro, 1985.

---